

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

**ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E CULTURAIS DA FEIRA DE
GUARABIRA-PB.**

Josete Marinho de Lucena.
Universidade Federal da Paraíba
josetemarinho@mail.uft.edu.br
lucenatoc@yahoo.com.br

0. Notas Introdutórias

Entre as mais diversas expressões e atividades culturais, merece destaque a realização da feira livre, visto que desfilam pessoas com formas de agir e pensar as mais diversas, o que permite trazer para a discussão a formação sócio-histórico-etno-linguístico de feirantes, consumidores, artesãos, repentistas, emboladores de coco, mesinheiros, entre outros atores sociais que encontram na feira a possibilidade de comprar, vender, trocar e expor seus produtos. O trabalho se organiza da seguinte maneira: a primeira parte versa sobre o histórico da feira livre em níveis mundiais; a segunda parte fala sobre o percurso da feira em Guarabira; a terceira parte traz uma discussão sobre o contexto sócio-cultural e linguístico da feira e a última parte fala sobre os estudos etnoterminológico e socioterminológico.

Observando a história da humanidade, percebemos que desde a Antiguidade Clássica o ser humano se questiona a cerca de suas diferentes maneiras de agir e de comportar-se. O homem é sempre o mesmo em qualquer parte do Planeta Terra, como o são os outros animais. Entretanto, é perceptível que, diferentemente, das demais espécies, o homem rompe formas de agir e de comportar-se, independente dos processos biológicos, do clima e da própria tradição. Tal fato ocorre pela necessidade de melhoria de suas condições de vida. Por isso, ele se torna criativo, possibilitando avanços que vão desde as técnicas mais rudimentares à tecnologia mais sofisticada. A criatividade, a

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

maneira de desenvolver suas habilidades são estruturadas a partir da convivência social e das construções culturais realizadas em determinado grupo geralmente que partilham realidades afins. É perceptível essa expressão cultural por meio, sobretudo, de atitudes lingüísticas, sociais, filosóficas, ideológicas, religiosas entre outras. Nesse sentido, podemos dizer que o espaço da feira livre é considerado palco de grandes representações culturais e de desenvolvimento da identidade peculiar a uma comunidade . Com esse pensamento, o presente trabalho se propõe a tecer um diálogo entre cultura, língua e história que permeiam o cotidiano da feira livre de Guarabira-PB desde seu início, por volta do século XIX, até os dias atuais, enfatizando sua importância para a região do Brejo, por tratar-se, principalmente, uma cidade pólo. Neste sentido, faz mister considerar que o espaço da feira da cidade, considerada Rainha do Brejo, trata-se de lugar privilegiado, onde desfila não só a economia inerente ao sentido inicial que este evento comercial assume, mas, sobretudo, as expressões culturais, sociais , históricas e lingüísticas, constitutivas de tal espaço. Para embasar teoricamente este estudo, usaremos pressupostos sobre cultura popular, sócio-etnolinguística e História das Cidades.

1. A feira livre e seu contexto histórico

Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss, a palavra feira vem do latim *ferià, ae*, com o sentido de ‘dia de festa’, usado com mais frequência no plural *feriàe, árum* dias consagrados ao repouso, festas, férias, que passa a ter no latim vulgar o sentido de ‘mercado, feira’, um significado mais aproximado ao que se tem no presente. Tal acepção surge por volta do século XII, por serem os locais onde se realizavam as festas religiosas aproveitados para a comercialização de produtos. O termo foi catalogado pela primeira vez, segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado, em 1117, possivelmente foi popularizado como lugar da festa onde se

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

comercializa produtos. Na acepção moderna, da palavra feira significa lugar público, onde em dias e épocas determinados, expõem-se, trocam-se, compram-se, e vendem-se mercadorias. Nesse contexto, há uma relação da feira com comércio, religião e festejos.

A feira acompanha a história da humanidade, entretanto não se sabe ao certo onde se realizou a primeira feira no mundo. Acredita-se que 500 anos antes de Cristo, já havia feira no Oriente Médio, mas precisamente em Tiro, uma antiga cidade fenícia, atualmente a cidade de Sur, no território libanês, na costa do Mediterrâneo. Tal afirmação advém do fato de serem os fenícios fortes comerciantes e já realizarem longas viagens para comercializar suas mercadorias.

Na Idade Média, sobretudo, após a queda do Império Romano, a feira se tornou o momento em que o comércio europeu ressurgiu, visto que o feudalismo entrara em declínio, propiciando que as pessoas não produzissem mais seus víveres e entrassem no sistema de troca, realizado naturalmente no ambiente da feira.

Com as Cruzadas, os caminhos foram reabertos pelo Mar Mediterrâneo e o povo europeu teve contato com o oriente e com uma diversidade de mercadorias exóticas, que foram comercializadas nas feiras. Estas eram consideradas uma das mais importantes instituições da Idade Média, visto que, em decorrência destas fazerem cessar guerras, por ser um lugar onde se realizavam grandes transações, o que acelerou a necessidade da criação da moeda e, em seguida, o desenvolvimento de bancos e do câmbio. O desenvolvimento do câmbio deu-se, principalmente em decorrência das feiras realizadas estrategicamente em rotas comerciais o que propiciava a presença de moedas de diferentes países.

Desde essa época já era comum apresentações artísticas, sobretudo, dos saltimbancos que visavam divertir os transeuntes da feira. A presença não só desses artistas têm sido comum nas feiras modernas, mas há uma diversidade de apresentações que tornam a feira um espaço, antes de tudo de divulgação da cultura e da arte popular,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

não encontrada em lugares de comercialização mais sofisticados como acontece com os shoppings centers.

Apesar da feira livre, atualmente perder espaço para lugares como shoppings centers, sacolões, atacadões, postos da CEASA e hipermercados, o fluxo de pessoas nas feiras livres é muito grande. Há inclusive frequentadores que dizem não conseguir passar uma semana sem ir à feira, mesmo se o argumento utilizado para fazer as compras em shoppings e hipermercado seja o da maior segurança, mas a qualidade, a diversidade e o preço da mercadoria têm atraído o consumidor a procurar as feiras livres, em busca de atingir seus objetivos de compra.

No Brasil, a feira se instaurou como espaço de comercialização desde a época em que era colônia de Portugal e, no decorrer do tempo tem tomado proporções bem grandes, sobretudo, no Nordeste. Apesar de serem consideradas como impedimentos nas grandes cidades, nas cidades do interior do Brasil, a feira se consolida como único lugar de comercialização, chegando a ter a mesma conotação dos seus primórdios, quando era considerada como festa, lugar de diversão de lazer.

2. Aspectos histórico e geográficos da feira de Guarabira

A cidade de Guarabira-PB, encontra-se numa área entre o Brejo e a Caatinga paraibanos, numa região entre serras, numa verdadeira área de depressão, está a aproximadamente 98 KM da capital e sua localização próxima a outros municípios paraibanos e até de algumas cidades norte riograndenses, aliada ao comércio desenvolvido, a presença de escolas em todos os níveis de ensino, inclusive o Superior e o turismo religioso tão forte na cidade, marcado pela presença do monumento ao Frade Capuchinho muito popular na microrregião do Brejo paraibano e em todo a região Nordeste, frei Damião de Bozano, e por ser sede da Diocese, dão-lhe destaque como maior pólo comercial da região do brejo e a fazem ser considerada rainha do brejo,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

convergindo para o município pessoas com finalidades diversas, inclusive a participação à feira livre, que acontece nas quartas e sextas-feiras.

A feira livre de Guarabira destaca-se pela frequência de transeuntes das mais diversas localidades, que vêm à feira com objetivos de vender, trocar, comprar, expor produtos e serviços. Entre estes sobressaem-se o artesanato, os repentistas, emboladores de coco, fazendo desfilarem na feira a cultura popular. A feira acontece nas terças-feiras e sábados, o que acredita-se acontecer desde seu início.

Muito antes de Guarabira passar à condição de cidade, quando ainda se chamava Vila de Independência, pelos anos 1837 até 1887 e pertencia a comarca de Bananeiras, como afirma Cleodon Coelho (1955, p.26), a cidade já contava com uma feira livre, que acontecia em Cuitegi- nessa época, pertencente a Guarabira. Com a Revolta do Quebra-Quilos e Ronco da Abelha, a feira mudou para a sede do município, instalando-se à frente da Igreja Matriz, em 1877. A mudança não aconteceu de forma tranquila, pois os comerciantes, pois se constituía como passagem para os tropeiros e, portanto, um bom lugar para os ambulantes fazerem suas negociações.

A essa mudança os feirantes resistiram, continuando a se instalar em Cuitegi. Segundo Coelho (1955, p.22), em um certo sábado, após armarem suas barracas, os comerciantes foram surpreendidos por tropas do Exército que se encontravam acampadas à beira do rio e a ordem era voltar a comercializar seus produtos no lugar anteriormente determinado- a frente da Igreja Matriz. O grupo de feirante foi guiado pelas tropas do Exército, levando suas mercadorias até chegar à frente da Igreja e essa feira durou três dias. A movimentação foi tão grande que se transformou numa festa.

Por volta dos anos de 1950, a feira se estendeu até as ruas Osório de Aquino e parte da Pedro II (antiga Rua da Lagoa), à altura da Praça João Pessoa, onde se localizava o Mercado Público. Depois a feira se estendeu por quase toda D. Pedro II,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

aglomerando-se mais próximo à Padre Inácio de Almeida e Rui Barbosa, ruas de acesso às rodovias e ao Bairro Novo, onde se localizava Mercado Público.

Na Pedro II, a feira livre ficou até os anos 80, quando o trânsito da cidade já havia crescido bastante e sua presença em uma avenida de escoamento de trânsito para diversas partes da cidade impedia que o tráfego andasse. Por iniciativa da administração do Prefeito Zenóbio Toscano, a feira foi relocada para as ruas Sá Benevides e Leonel Ferraz, onde já havia os dois Mercados Públicos. A mudança da feira causou muita revolta tanto por parte dos feirantes, como por parte dos comerciantes afixados na Avenida Pedro II.

Nos dias atuais, a feira e os dois mercados se localizam ainda nas ruas Leonel Ferraz e Sá Benevides e suas vicinais e, diferente do que acontecia, nas localizações anteriores, a feira de animais ficou totalmente distante da feira, no antigo parque de exposição. A feira livre tem crescido bastante desde a época de sua mudança para essa nova localização, o que faz ouvir rumores de mudança para melhor adaptar os feirantes e consumidores.

3. O contexto sócio-cultural e lingüístico da feira

A feira livre se constitui como um espaço privilegiado quer no aspecto sócio-histórico, quer no aspecto étnico-cultural. Tal fato acontece por encontrarmos na feira livre, pessoas com múltiplos interesses e por isso buscam interagir entre si para atingir objetivos diversos (comprar, vender, expor produtos, passear, comercializar sua arte, entre outros). Nesta perspectiva, podemos encontrar na feira, do “fereiro” ao “repentista”, cada sujeito desses utiliza a feira como espaço para cuidar de seus interesses.

No caso particular da feira de Guarabira, temos uma riqueza cultural desenhada pelo fato de tratar-se de uma cidade pólo que se destaca tanto pela sua preponderância

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

na educação quanto no comércio. Na cidade há escolas do ensino básico e um campus da Universidade Estadual da Paraíba, contando inclusive com um curso de Graduação em Letras. Por outro lado, o comércio consegue ser o mais desenvolvido da região do brejo, bem como sua feira livre. Há uma constância de visitantes com objetivos mais diversos, ratificada pela presença do turismo religioso, motivado pela existência do monumento a frei Damião de Bozano

Pelo exposto, é uma cidade que conta com um contingente expressivo de pessoas de municípios circunvizinhos, sobretudo, da zona rural. Há, portanto, a possibilidade de vermos desfilar na feira pessoas que trazem consigo modos de ver o mundo e de construir linguagens a partir de suas experiências individuais e coletivas. Este fato, ao lado dos sujeitos, processos e produtos que se encontram no espaço da feira, cria uma linguagem, sobretudo, um léxico que permite indagações sobre como é criada esta linguagem, que elementos étnicos estão envolvidos na produção do léxico? Que interferências têm a cultura local na produção de termos e expressões usadas em tal espaço? Há fatores históricos influenciando no uso da linguagem produzida no espaço da feira? Podemos dizer que existe um léxico específico da feira livre?

Tais indagações surgem como forma de compreender o universo discursivo da feira livre e, por conseguinte, ver as conseqüências que, aspectos sócio-histórico-étnico- cultural deste universo discursivo, têm na língua geral.

A curiosidade em tratar do léxico da feira remonta também de tentarmos ter um perfil do léxico na região do brejo paraibano e sua preponderância na compreensão de língua, cultura e sociedade.

A relação língua, cultura e sociedade traz para as abordagens lingüísticas contribuições relevantes, sobretudo, ao tratar das ciências do léxico, que modernamente, têm expandido suas discussões para além das fronteiras da Lexicologia, Lexicografia,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

Terminologia e Terminografia, alcançando a Dialetologia, a Sociolinguística e a Etnolinguística.

Um enfoque bem recente sobre o léxico é o que se refere à Terminologia e Terminografia principalmente vistos nesse contexto sociocultural. Por meio desta abordagem, novas disciplinas ligadas ao léxico projetam-se no cenário dos estudos linguísticos: a Socioterminologia e a Etnoterminologia. A inserção destas novas perspectivas acrescentam aos estudos terminológicos e terminográficos um perfil voltado para aspectos diatópicos, diafásico e diastrático das terminologias das línguas de especialidades.

4. Socioterminologia e Etnoterminologia

A relação entre língua e sociedade é tênue. Se considerarmos como social tudo o que o homem partilha com os seus semelhantes, observaremos que um dos aspectos mais fortes desta convivência em sociedade é o seu trabalho. É no trabalho que o homem se constitui, enquanto indivíduo, enquanto cidadão. Ao se organizar em classes trabalhadoras, principalmente em sindicatos, o homem partilha um grande percentual de sua existência e, como não poderia deixar de ser, partilha também e principalmente a língua, em todos os seus aspectos, inclusive e, sobretudo, no léxico, nos termos que utiliza dentro do trabalho. É nessa perspectiva que a percepção da existência de termos técnicos de uma dada área de especialidade fez e faz com que se desenvolvam trabalhos terminológicos nas mais diversas áreas.

Como afirma Gaudin (1993, p.16),

[...] dans le même mouvement qui a conduit de la linguistique structurale à la sociolinguistique, une *socioterminologie* peut prendre en compte le réel du fonctionnement du langage et restituer toute leur dimension sociale aux pratiques langagières concernées.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

Assim como a lingüística estrutural conduziu à sociolingüística, a socioterminologia precise o real funcionamento da língua, restituindo-lhe toda as dimensões sociais que concernem às práticas de linguagem. O estudioso ainda adverte para uma visão mais abrangente da terminologia e, portanto para um caráter interdisciplinar e mais geral desta.

Porém, como já vimos, os primeiros trabalhos de abordagem terminológica não contemplavam os aspectos socioculturais que envolviam o domínio de estudo, bem como os fatores de variação não eram observados como traços preponderantes para o uso de um termo ou outro, para a possibilidade da existência de sinônimos, hipônimos, hiperônimos, polissemia e homonímia. Só a partir dos anos 80 do século XX, com o advento da Socioterminologia, esses aspectos foram levantados.

A palavra socioterminologia foi usada pela primeira vez por Boulanger, mas foi através dos trabalhos de François Gaudin que ela tomou impulso e tem se constituído não só como metodologia, mas, sobretudo, como disciplina. Seu perfil se delineia entre a Terminologia e a Sociolingüística laboviana. Pesquisas atuais têm demonstrado os avanços para a Terminologia, a Lingüística e as áreas de especialidades. É notável sua contribuição no que tange à negação de um prescritivismo exacerbado da Terminologia.

Nesse sentido, concordamos com o pensamento de Gaudin (1993, p.216) ao afirmar que a Socioterminologia ultrapassa os limites da Terminologia propriamente dita, para trazer desde a origem do termo até sua recepção e aceitação, passando pelas práticas lingüísticas e sociais concretas que o ser humano exerce dentro do seu campo de atividade. Desta forma, a Socioterminologia deve encontrar pontos de reflexão que unam trabalho e linguagem, pois a linguagem usada pelo homem é reflexo de uma ação, ao mesmo que tempo em que a linguagem orienta e testemunha a ação (trabalho), ajudando na sua realização.

Além dessa perspectiva da Socioterminologia, assim como a Terminologia numa

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

visão mais moderna, há também um caráter prático. Pois tais elementos, como afirma Faulstich (1995, p. 282) vão dando à Socioterminologia estatuto de disciplina, que traz à baila uma pesquisas teórica e prática sobre o termo e suas variantes.

Segundo a mesma autora, enquanto prática do trabalho terminológico, a Socioterminologia baseia-se na análise da circulação dos termos; enquanto teoria, faz um estudo do termo numa perspectiva lingüística e de interação social. Portanto, a pesquisa Socioterminologica deve encontrar suporte na Sociolingüística e na Etnografia. Da primeira, copia os critérios para a variação lingüística dos termos no meio social e as possíveis mudanças. Da segunda, recebe a influência do fato de que os membros de uma sociedade, através da comunicação, geram conceitos interacionais de um mesmo termo ou diferentes termos para o mesmo conceito.

Como vemos a Terminologia tem evoluído para um trabalho socioterminológico, porém para que um trabalho tenha tal perfil é necessário que o terminólogo, como diz Faulstich (1995, p.282), assuma alguns procedimentos metodológicos, que vão desde a identificação do usuário da terminologia a ser pesquisada à delimitação do corpus e o registro do termo e suas variantes. Além desses procedimentos, é importante salientar a seleção de documentação bibliográfica sobre o assunto; a análise do funcionamento dos termos, a redação de obras terminográficas, entre outros.

A variação lingüística é pertinente á Sociolingüística e a Socioterminologia se serve desta concepção de variação, por meio da qual a Terminologia tem comprovado o caráter plurirreferencial do termo. Isso torna a variante um aspecto inerente á Socioterminologia. Tais variantes consideram fatores sociais, situacionais, espaciais e lingüísticos que interferem ou promovem o uso do termo. Na língua de especialidade, segundo Faulstich (2006, 11) é possível reorganizar as variantes, classificando-as da seguinte maneira: variantes **concorrentes**, **co-ocorerentes** e **competitivas**. As concorrentes podem ser: variantes **formais lingüísticas** e variantes **formais de registro**.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

Vemos, portanto, a possibilidade de encontrarmos nas áreas de especialidades a existência da variação, o que nos leva a crer que este possa se constituir como um trabalho socioterminológico, através do qual possamos ultrapassar os limites impostos pela versão mais tradicional da Terminologia, descrevendo as possibilidades de uso que uma língua de especialidade, enquanto domínio lingüístico, influenciado por questões socioculturais e socioprofissionais, pode ter em sua constituição. Em sua maioria, as variações ocorrem em função dos contextos dos discursos orais e escritos e são de origem temática ou nocional, com a finalidade de harmonizar um universo de discurso e proporcionar a efetiva comunicação ente interlocutores da área de especialidade ou mesmo externa a ela.

Já a Etnoterminologia trata-se um novo ramo da Linguística, com relações muito próximas da Etnolingüística, possui como objeto de estudo a variante cultural do termo, visto que as formas de agir e de pensar de cada universo discursivo é representado pelos termos utilizados por essa comunidade. Desta forma, a Etnoterminologia ao lado da Socioterminologia estuda a variação lingüística que ocorre com os termos, a partir de seus componentes sociais, históricos, étnicos e culturais em que estão envolvidos os falantes.

5. Notas conclusivas

Apesar da pesquisa sobre a feira livre de Guarabira tratar-se de um estudo lingüístico, que encontra-se em desenvolvimento pelo DLCV (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas) da UFPB, é de grande contribuição buscar o estudo sócio-histórico-cultural para compreender a linguagem criada em espaços diversos, nos quais a presença humana ratifica o uso da Língua e, por meio dela é possível reconhecer momentos histórico, marcas culturais e conceitos ideológicos das diversas faces da sociedade.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES**

DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009

ISSN 2176-4514

Referências

- COELHO, Cleodon. **Guarabira através dos tempos**. Guarabira: Nordeste, 1955
- FAULSTICH, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciências da Informação**. Vol.24. Brasília: IBCT, set./dez. 1995. p. 281-8.em: 07 março, 2008.
- _____. Da lingüística histórica à terminologia.In: FARIAS, Y. **Investigações: Lingüística e teoria literária**. VOL. 7. 2006
- GAUDIN, F. **Pour une socioterminologie**: des problemes semantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Université de Rouen, nº182, 1993.
- HOUAISS, A. e VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa, 1ª ed. 2 vol., 1952-1959; 2ª ed., 3 vol., 1967-1973; 3ª ed., 5 vol., 1977.